



SUSSIDI

5

MIGRAÇÃO À LUZ DA BÍBLIA



Copertina: Abramo alle querce di Mamre (Catacombe sulla via Latina)

Migração à luz da Bíblia

Ir. Elizangela Chaves Dias - AT
e Pe. Eduardo Pizzutti - NT

SCALABRINI INTERNATIONAL MIGRATION INSTITUTE

Roma, 2020

METODOLOGIA

1. Momento inicial de recolhimento (oração ou canto)

2. Objetivos del subsídio 5:

- Colaborar no aprofundamento pessoal ou de grupo sobre temáticas bíblicas referente à migração.
- Oferecer fundamentos de estudos específicos para a animação Bíblica da pastoral dos migrantes.
- Proporcionar conteúdo bíblico-teológico para a formação dos leigos e leigas que atuam na liderança de comunidades.
- Promover a cultura da acolhida e da inclusão dos migrantes e refugiados nas comunidades cristãs.
- Introduzir uma espiritualidade bíblica vivida na acolhida e na valorização das diferenças.

3. Desenvolvimento do subsídio

A formação pode ser realizada em uma ou mais sessões, especialmente se se quiser ficar mais num ou noutro país

4. A partilha final pode girar em torno das seguintes questões:

- Qual a novidade deste estudo para mim e para minha vida? De que modo a Palavra de Deus ilumina a minha percepção do fenómeno migratório?
- Qual a minha resposta diante dos apelos de Deus que se revela no migrante?
- Quais os elementos importantes para espiritualidade da acolhida e para a animação da pastoral dos migrantes?
- Como fazer com que a acolhida do migrante se torne parte de nossa evangelização?

5. Para aprofundar

Pode organizar um tempo de retiro espiritual ou um dia de partilha num lugar significativo

6. Avaliação

Preencher o pequeno formulário que é distribuído

7. Conclusão com uma oração ou um cântico

I. INTRODUÇÃO

A experiência de migração deixou uma impressão determinante no modo do antigo Israel interpretar sua relação com Deus, com o próximo e com o criado, bem como no modo de compreender sua própria identidade. Segundo as narrativas bíblicas, o território de Canaã teria sido invadido e dominado diversas vezes. Dois eventos, sem dúvida, muito significativos foram o fim do Reino do Norte em 722 a. C. (2Rs 17,5-6) e a deportação de Judá à Babilônia em 587 a.C. (2Rs 25,1-30).

No assédio ao Reino do Norte, a Assíria derrubou a capital Samaria e deportou o povo de Israel para territórios de sua dominação, trazendo outros povos para Israel, a fim de desarticular o poder dos proprietários da terra e manter o controle total da região (2Rs 17,5-6). Nessa ocasião muitos israelitas conseguiram fugir para Judá, vivendo ali como imigrantes residentes. Outro momento chave foi o cerco de Jerusalém e a invasão do rei assírio Senaqueribe em 701a.C. (2Rs 18,14), que desencadeou outros dois cercos de Jerusalém em 598/597 e 588/587 a. C., tendo como consequência a destruição da cidade e do templo de Jerusalém, e a deportação da elite de sábios e de sacerdotes para a Babilônia (2Rs 25,1-21), fazendo de Judá uma província do império Babilônio (2Rs 25,22-30).

É nesse contexto de migração, deportação e refúgio, precisamente, e em confronto com grandes impérios (Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma) que a Bíblia começa a ser editada a partir de tradições antigas, algumas já escritas, outras transmitidas oralmente de pai para filho ao longo de gerações (Ex 12,26-27; 13,7-8.14).

A importância dessas experiências de migração, deportação e exílio na vida e na identidade do povo de Deus se confirma na quantidade de referências aos migrantes e à migração na Bíblia (Ex 22,20; 23,9; Lv 19,34; 25,23; Dt 10,19; 1 Cr 29,15), inclusive há livros inteiros em que os personagens centrais são migrantes, como a segunda parte do livro do Gênesis (Gn 12-50), os livros de Rute, de Ester, de Jonas, bem como os Evangelhos de Mateus e Lucas que apresentam a profunda solidariedade e a identificação de Cristo com os migrantes (Mt 25,35).

Partindo, portanto, da perspectiva canônica e da abordagem contextual dos relatos bíblicos este instrumento busca oferecer elementos para ler, interpretar e compreender a importância e a relevância da perspectiva bíblica referente à temática da migração.

II. PRESSUPOSTOS PARA INTERPRETAÇÃO DO AT EM CHAVE MIGRATÓRIA

A Bíblia é um livro escrito por migrantes, para migrantes e a respeito de migrantes, essa não é uma afirmação redundante. Estudos sobre a composição e redação dos textos bíblicos apontam que grande parte do texto final do Antigo Testamento foi redigido durante e depois do Exílio na Babilônia, sec. IV a.C. Sábios e sacerdotes do antigo Israel teriam reu-

nido antigas tradições e atualizado através de uma releitura contextual, de acordo com a experiência que viviam fora da terra prometida ou sob a jurisdição de alguma potência estrangeira, isto é, Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma. Em perspectiva bíblica, porém, a migração não é apenas um status sócio-político, mas elemento constitutivo da identidade do povo de Deus.

Os textos bíblicos não se limitam a falar e contabilizar os migrantes e a migração, tão pouco se refere a eles como objeto de assistencialismo apenas. Na verdade, a Bíblia dá protagonismo e visibilidade aos migrantes, tira-os do anonimato, se refere a eles como pessoas com um nome e uma história. O narrador bíblico dá vida, voz aos migrantes e marginalizados. Não é difícil trazer à mente aquela multidão de prófugos do Egito com quem Deus fez aliança e que se tornou o povo eleito (Ex 12,38); Agar, mulher, escrava estrangeira, refugiada, mãe solteira, expulsa da casa de Abraão e Sara, a quem Deus se dirige e faz uma promessa semelhante à promessa de Abraão (Gn 16 e 21); Sifra e Pua, as parteiras estrangeiras que salvaram a vida dos recém nascidos israelitas (Ex 1,15-22); Rute, a imigrante moabita, mulher, viúva, estrangeira, que se torna bisavó de Davi; Ester, a pobre órfão estrangeira, que se torna Rainha e salvadora de seu povo; Jonas, o profeta chamado a anunciar o juízo de Deus em terra estrangeira; a carta de Jeremias aos exilados motivando-lhes a buscar a paz (shalom) do país de imigração (Jr 29,4-7.10;14)

Nos relatos bíblicos, os migrantes não são personagens secundários, passivos, objetos da ação social em nome de Deus; pelo contrário, os migrantes são também protagonistas da salvação; foi pelas mãos de Zefora, uma madianita, que Moisés foi salvo da morte (Ex 4,24-26); foi por meio de mulheres pobres, estereis, estrangeiras que o verbo de Deus fez seu caminho rumo à humanidade (Gn 11,30; 25,21; 29,31; 1Sm 1,5; 2,5; Jz 13,2.3; Is 54,1), armando sua tenda no seio da humanidade (Jo 1,14).

A Bíblia não se limita a falar dos migrantes ou a falar pelos migrantes. A Bíblia deixa os migrantes falarem, elevarem seu grito de dor e seu canto de vitória: “eu ouvi o seu grito por causa do sofrimento” (Ex 3,7) ... “e Mirian os fez cantar” (Ex 15,21). O grito do migrante move as entranhas de Deus, que não pode se manter indiferente, imparcial (Ex 3,8). O migrante não é aquele que nada tem a oferecer, a ensinar; de fato, Rute é apresentada como modelo de adesão à fé; independentemente de sua identidade étnica, religiosa, nacional (Rt 1,16-17).

Na Bíblia, o migrante e a migração não é apenas uma ideia, um verbe de dicionário, um elemento semântico a ser esclarecido em ótica literária, ou um coadjuvante entre os personagens de uma narrativa de ficção bíblica; mas o humano feito à imagem e semelhança de Deus em situação de vulnerabilidade, para quem é imprescindível fazer justiça (Dt 10,17-19).

Sem pretender exaurir, vejamos alguns exemplos paradigmáticos de migração e de migrantes em perceptiva bíblica.

1. MIGRAÇÃO COMO FUGA DA MORTE

Texto: Gn 11,25-12,4

O mundo do texto

A notícia da morte de Arã (Gn 11,28), filho mais novo de Taré, interrompe o ciclo natural da vida “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28), que, de certa forma, vinha se concretizando (Gn 6,1–11,24), além de romper a sequência natural de genealogias (Gn 11,10–28), representada pela sucessão contínua de procriações e gerações reportadas nas listas genealógicas que precedem. A impossibilidade de dar continuidade à geração da vida se agrava com a notícia da esterilidade de Sara, esposa de Abraão, o filho mais velho de Terá, e que até o momento não tinha filhos (Gn 11,30).

Sem outras justificativas, o narrador relata a decisão de Taré de reunir sua família e seus bens e partir de Ur dos Caldeus rumo ao país de Canaã. No meio do percurso, no entanto, aqueles que fugiam da morte acabam por ser encontrados pela morte, Taré morre em Caran (Gn 11,35). Nesse momento crucial da vida de Abraão, rodeada por sinais de morte, o Deus da vida lhe apresenta um novo projeto e um futuro prospero e abençoado (Gn 12,1-4).

Embora a migração da família de Taré possa ser inserida num cenário histórico-sociológico de movimento de povos, característico do antigo oriente, verifica-se que a narrativa da migração de Abraão, Sara e Lot, bem como dos outros patriarcas e matriarcas do antigo Israel serviu-se, especificamente, do argumento religioso para se justificar como parte de um projeto divino, no qual Deus mesmo assume a autoria da migração (Gn 15,7). Em decorrência dessa autoria assumida por Deus a migração passa a ser interpretada como categoria teológica fundamental para a economia do Antigo e do Novo Testamento. A migração deixa de ser interpretada apenas como um fato social e, à luz da fé, passa a ser entendida como parte de um plano divino mediante o qual Deus promete posteridade, terra e bênçãos (Gn 12,1-4; 15,7).

2. MIGRAÇÃO UM CAMINHO SEM RETORNO

Texto: Gn 12,5-25,11

O mundo do texto

Abraão e Sara percorrem o caminho motivados pelas promessas de Deus, eles atravessam do norte ao sul a terra prometida, entrando por Siquém seguem por Betel até o Nogueb (Gn 12,6.8.9), depois descem ao Egito (Gn 12,10-20). Do Egito retornam em Betel (Gn 13,3-4), antes de habitarem junto ao carvalho de Mambré, próximo ao Hebron (Gn

13,18). Em seguida, são encontrados novamente no Negueb (Gn 20,1-18), depois em Bersabéia (Gn 21,32-33; 22,19). Sara, contudo, morre e é sepultada no Hebron (Gn 23,2).

Abraão e Sara são protótipos dos migrantes que deixam definitivamente seu país de origem na esperança de chegar à terra prometida (Gn 11,31; 15,7; Ne 9,7; Js 24,2-3), onde poderão, gerar e educar seus filhos e prosperar, contando com a bênção e a proteção de Deus. No país de imigração, Abraão e Sara percorrem a terra motivados pelas promessas de Deus, mas também enfrentam duas experiências de fome (Gn 12,10), ameaças dos povos do país (Gn 12,10-18; 20,9-13), separações familiares (Gn 13), enfrentamento de guerra (Gn 14), injustiças sociais e econômicas (Gn 21,22-32) e a morte (Gn 19; 22 e 23). Para a família de Abraão e Sara a migração é um caminho sem volta, geográfico, humano e espiritual. De fato, Deus permanece fiel e cumpre suas promessas. Embora Sara fosse estéril (Gn 11,30), gerou um filho para Abraão (Gn 21,1-4). Na ocasião da morte de Sara, Abraão conseguiu comprar um campo com uma gruta sepulcral (Gn 23,1-20) e ambos foram abençoados (Gn 12,17; 17,16; 20,1-18).

3. MIGRAÇÃO EM BUSCA DE REFÚGIO E O SONHO DO RETORNO

Texto: Gn 27,41-46.

O mundo do texto

Jacó pode ser apresentado como protótipo do migrante refugiado. Ele sai de sua terra por causa da ameaça de morte por parte de seu irmão (Gn 27,41-45; 28,1-3). É durante a fuga que ele conhece Deus através de um sonho, assim um evento natural ganha uma dimensão sobrenatural. Deus se apresenta a Jacó e assegura-lhe sua companhia, condução e cuidados (Gn 28). Jacó continua sua fuga rumo à terra natal de sua mãe, na casa do tio materno, que virá a ser seu sogro.

Durante os vinte anos em Padã-Harã, na casa de Labão, Jacó viveu desventuras e alegrias de um refugiado em busca de proteção, submetendo-se ao que sua situação lhe condicionava (Gn 29,1-30,1), como o trabalho servil e ingrato, além das contendas e ameaçados por parte de seus cunhados e de seu próprio sogro. Diante de contínuas ameaças no país de refúgio, Deus revela a Jacó que é hora de retornar à casa paterna, em sua pátria (Gn 31,3). Jacó foge, levando consigo sua família e seus bens.

Durante a fuga, Jacó também foi perseguido (Gn 31,22-42), estabeleceu fronteiras e acordos de paz (Gn 31,42-54), fez experiências de avassaladoras de medo (Gn 32,4-22; 33,1-4), lutou com Deus e com homens (Gn 32,23-33), teve sua única filha violentada e raptada (Gn 34) e viu seus filhos fazerem numerosas vítimas em Siquém, vendo-se obrigado a fugir novamente (Gn 34,25-31). Na fuga para Betel sua esposa amada morreu

e foi sepultada (Gn 35,19) depois de dar à luz a mais um filho (Gn 35,18). Juntamente com sua família padeceu a fome extrema devido a um prolongado período de seca, sendo obrigado a migrar para viver (Gn 42,1-3; 43,1-2).

A vida de Jacó e de sua família poderia ser trágica, se não fosse sua fé (Gn 31,3; 46,1-4). Com a bênção de Deus, Jacó chegou em paz em sua terra natal, em tempo de reconciliar-se com seu irmão e sepultar seu pai (Gn 35,27-29). Jacó passa vinte anos em Harã, isto é, na Mesopotâmia, e termina sua vida no Egito, mas será sepultado na terra de prometida juntamente com seus antepassados (Gn 50,1-13). No mesmo túmulo foram sepultados Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacó e Lia (Gn 49,31).

Jacó é paradigma do migrante que parte com o sonho do retorno, símbolo da astúcia, que incorpora a ética da viagem, do transitório e da adaptação às adversidades circunstanciais (Gn 31,4-13).

4. IMIGRANTE OU NATIVO: “TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI”

Textos: O Decálogo (Ex 20,2-17 e Dt 5,6-21); Código da Aliança (Ex 20,22-23,19); Lei da Santidade (Lv 17-26); Código Deuteronomico (Dt 12-26).

O mundo do texto:

Na Bíblia é possível encontrar diversos textos legislativos e narrativos, que confirmam o princípio fundamental da igualdade entre todos os membros do gênero humano. Certamente, existem outros textos que afirmam a superioridade de Israel sobre outras nações (Dt 26,19; 28,1), todavia, tais afirmações se devem à missão própria de Israel de ser luz para as nações, de ser bênção para os povos e famílias da terra (Lv 19,2). De tal modo, entre esses textos é possível descobrir valores fundamentais para uma sociedade justa e inclusiva.

Entre os códigos legislativos do Antigo Israel (Código da Aliança: Ex 20,22-23,19; Lei da Santidade: Lv 17-26; Código Deuteronomico: Dt 12-26), em relação ao imigrante, o livro do Êxodo traz ao menos sete passagens em favor da igualdade legislativa entre o imigrante e o nativo¹, inclusive autorizando o imigrante a participar da páscoa do mesmo modo que o nativo (Ex 12,19.48.49). Quatro destas passagens estão inscritas no código da aliança (Ex 20,10; 22,20; 23,9.13). A lei da Santidade traz pelo menos dezesseis artigos que tratam o imigrante como o povo da terra². Ademais, o mandamento do amor ao próximo, define o próximo como imigrante (Lv 19,34; Dt 10,19). Também o livro de Números apresenta nove passagens defendendo a validade da lei tanto para o nativo, quanto para o imigrante³. O livro do Deuteronomio traz diversas prescrições favoráveis ao imigrante e, em suas leis, o inclui na tríade social:

¹ Cf. Ex 12,19.48.49; 18,2; 20,10; 22,20; 23,9.

² Cf. Lv 16,29; 17,8.10.12.13.15; 18,26; 19,10.33.34; 20,2; 22,18; 23,33; 24,16.22.

³ Cf. Nm 9,14; 15,14.15.16.26.29.30; 19,10; 35,15.

o imigrante, o órfão e a viúva⁴, acentuando que Deus ama o imigrante, provendo-lhe em suas necessidades, e outorga a Israel o mandamento de amar o imigrante.

“Pois, o Senhor vosso Deus, que é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível, que não faz acepção de pessoas e não aceita suborno, faz justiça ao órfão e à viúva, ama o imigrante dando-lhe pão e veste, portanto, amareis o imigrante, pois fostes imigrantes na terra do Egito” (Dt 10,17-19).

Nessas perícopes, a voz de Deus traduz em forma de lei, seu amor e seu cuidado pelo imigrante. No Código Deuteronômico (Dt 5; 12-26), o órfão, a viúva e o imigrante são os beneficiários de quatorze leis de assistência, proteção, promoção e integração social do migrante, referentes ao direito ao repouso semanal (Dt 5,14), aos sacrifícios (Dt 12,7.12), ao dízimo anual e primogênitos (Dt 12,18; 14,26-27), ao dízimo trienal (Dt 14,29), à oferta dos primogênitos (Dt 15,19); às festas de Pentecostes (Dt 16,11) e das Tendões (Dt 16,14), ao feixe esquecido durante a colheita (Dt 24,19), à respiga (Dt 24,20.21), às primícias (Dt 26,11) e ao dízimo trienal (Dt 26,12-13). O Código Deuteronômico é um conjunto de leis orgânico, lógico e completo que indica o caminho para uma sociedade sem empobrecidos e excluídos, alternativa e solidária, projetando a possibilidade de um mundo novo e diferente.

Desse modo: “Deus faz justiça ao órfão e à viúva, ama o imigrante dando-lhe pão e veste” (Dt 10,18). Não basta, porém, ser justo com o imigrante, assegurando-lhe o mínimo para sobreviver, é preciso amá-lo (Dt 10,19), porque o amor é a garantia da identidade do imigrante como pessoa humana criada à imagem de Deus (Gn 1,26-27). Mais que os benefícios sociais, qualquer imigrante, independentemente de sua etnia, cor ou religião, necessita de respeito, acolhida, solidariedade, reconhecimento, empatia e oportunidade, por isso, Deus veementemente apela o antigo Israel reconhecer e não transgredir os direitos dos migrantes:

“Não perverterás o direito do migrante e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva”. (Dt 24,17)

“Maldito aquele que perverter o direito do migrante, do órfão e da viúva! E todo o povo dirá: Amém” (Dt 27,19)

“Não afligirás o migrante, nem o oprimirás; pois fostes migrantes na terra do Egito”. (Ex 22,21)

“Também não oprimirás o migrante; porque vós conheceis o coração do migrante” (Ex 23,9)

“E, quando o migrante peregrinar convosco na vossa terra, não o oprimireis” (Lv 19,33).

⁴ Cf. Dt 10,18; 14,29; 16,11.14; 24,19.20.21; 26,12.13; 27,19.

Para o antigo Israel conservar a memória de seu estatuto originário de migrante é essencial para uma justa relação com a terra e com os migrantes que nela vivem. A migração é uma experiência que não se pode esquecer ou descuidar: “Porque fostes migrante no Egito” (Ex 22,20; 23,9; Lv 19,34; 25,23; Dt 10,19; 1 Cr 29,15), conseqüentemente, Israel deve fazer aos migrantes o que gostaria que lhe fosse feito. “Recorda que fostes escravo no Egito” (Dt 5,15; 15,15; 16,12; 24,18. 22) é um apelo a não esquecer a ação libertadora de Deus, pois a experiência de migração e escravidão tem uma implicância ético-moral: “Não molestarás o imigrante, nem o oprimirás, porque foste imigrante na terra do Egito” (Ex 22,20).

III. O MUNDO DIANTE DO TEXTO

A migração é um processo conatural à vida de indivíduos ou grupos desde o passado e tende a continuar no futuro, porque não há fronteiras para o anseio humano por dias melhores. Por isso mesmo, há quem defina a espécie humana como “espécie migratória”⁵.

Na atualidade os movimentos migratórios constituem um dos fenômenos mais relevantes, não obstante enfrentem tensões entre abertura e fechamento de fronteiras, respeito às diversidades culturais e atos de extrema intolerância, movimentos em defesa dos direitos humanos de um lado e escravidão de pessoas de outro lado, alto nível de desenvolvimento tecnológico científico e numerosas pessoas vivendo em extrema miséria. Não raramente os migrantes são fruto ou vítimas dessas e de outras tensões sociais, religiosas ou políticas⁶.

Os movimentos humanos, no entanto, representam oportunidades de encontros, de comunhão, de trocas, de diversidade, de criatividade, de exercício da fraternidade universal, da solidariedade, bem como de prática da justiça e do respeito à dignidade própria do humano. Mais que um número de deslocados no espaço geográfico, as migrações representam um movimento de pessoas com uma identidade individual, de culturas, de ideias, de inteligências, de valores, de políticas, de religiões, de conceitos e práticas sociais.

A complexidade do fenômeno migratório é determinada por dinâmicas de globalização, sistemas de governos totalitários, acidentes naturais, períodos prolongados de estiagem, guerras civis, movimentos terroristas, mas também por fenômenos relativos à experiência religiosa, a secularização, ao relativismo religioso, a proliferação de novas crenças, a presença sempre maior de fiéis de diferentes denominações religiosas buscando asilo em países de tradição majoritariamente cristã. Nesse

⁵ Cf. Gabriel Marcel, *Homo Viator*. Paris: Aubier, Editions Moutaigne, 1945.

⁶ Cf. ACNUR, *Global Trends*. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html>> Acesso em 20.04.2020

sentido, o cenário mundial ganha uma composição sempre mais colorida, pluricultural e multireligiosa, o que confirma relevância da questão fundamental, isto é, “a questão de Deus” e a pertinência de pesquisas Bíblico-teológicas que possam lançar novas luzes para uma ação pastoral mais inclusiva.

A questão de Deus na vida do migrante, sem dúvida, é essencial e existencial. Somente quem conheceu as inenarráveis durezas da travessia sabe dizer de onde veio a presença que o conduziu e o fez resistir aos inúmeros sofrimentos, perseguições, perigos de morte, fome e sede nos desertos, explorações de suas forças, abusos físicos e morais; e não obstante continuar sonhando com uma terra que lhe garanta paz e pão.

Do mesmo modo, é possível afirmar que a questão do migrante tem lugar primordial e grande relevância nas Sagradas Escrituras judaico-cristã. Deus ama o migrante, protege, acompanha e lhe dá veste e pão (Dt 10,18). O Deus de Israel se revela migrante com os migrantes, pois arma a sua tenda e desce para habitar e caminhar com seu povo na travessia do deserto (Ex 40,34-38).

IV. QUESTÕES PARA REFLEXÃO EM GRUPO OU PESSOAL

- Conheço histórias ou experiências de migração como busca de sobrevivência?
- De que modo a experiência de migração na Bíblia ilumina meu modo de compreender o atual fenômeno da migração?
- Por que Deus escolheu um povo migrante para fazer aliança?
- Por que Deus ama e protege os migrantes?
- Em que sentido os migrantes e a migração são anúncio de um novo céu e uma nova terra?

V. PRESSUPOSTOS PARA INTERPRETAÇÃO DO NT EM CHAVE MIGRATÓRIA

Os textos do Novo Testamento são colunas que ajudam a edificar uma igreja na qual ninguém se sinta estrangeiro: “significando que, por intermédio do Evangelho, os não-judeus são igualmente herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus”, os migrantes igualmente: “já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus” (Ef 3,6.19).

No Novo Testamento, diversos textos apresentam Jesus dialogando com “estrangeiros”: a mulher siro-fenícia (Mt 7); a samaritana (Jo 4); o centurião de Cafarnaum (Lc 7,1-10; Mt 8,5-13); Maria de Magdala (Jo 20). O agir de Jesus, numa sociedade multicultural, é em si mesmo uma su-

gestão para o serviço pastoral com os migrantes: promover diálogos que tornem possível a convivência entre as diversas expressões culturais, deixar seguranças “dogmáticas” para ir ao encontro do outro, acolhê-lo, escutá-lo e interagir com ele.

No âmbito do pluralismo religioso e cultural, o diálogo possibilita o conhecimento e o enriquecimento recíproco, superando as fronteiras da ignorância, da intolerância, dos preconceitos. Dialogar significa reconhecer e respeitar o outro como pessoa, seus valores e convicções, sem necessariamente abrir mão da própria identidade, cultura ou crença. O diálogo é um espaço privilegiado onde os corações se abrem ao acolhimento e à partilha da Palavra de Deus, enquanto anúncio da vitória do amor sobre o ódio, da vida sobre a morte.

Sem pretender exaurir, vejamos alguns exemplos paradigmáticos de migração e de migrantes na perspectiva do NT.

1. ERA JESUS!

Texto: Mt 25,31-46.

O mundo do texto

Jesus habitou a região da Galileia, passou pela experiência da migração (Mt 2) e viveu na condição de peregrino (Mt 8,20). O evangelista João acentua a dimensão de sua estraneidade por ter Ele vindo “do alto” (Jo 8,23), enquanto que na boca de Jesus essa identificação aparece somente uma vez.

Segundo o evangelista Mateus, Jesus concede aos discípulos sua última grande instrução em forma de um diálogo e nela trata do juízo futuro. Todas as pessoas serão julgadas a partir do critério das obras de amor, que são elencadas de modo enfático, por bem quatro vezes.

Os examinados serão surpreendidos sobretudo por um fato: diante da indignação de alguém, estava em causa a sua relação com o “Filho do Homem”. Somente quando as escolhas se tornam irreversíveis é que tomam conhecimento de suas implicações, descobrem que a humanidade do semelhante é lugar da misteriosa presença do Senhor.

Se Deus feito homem é a grande novidade da fé neotestamentária, esta passagem nos traz uma “revolução”: Deus encarna-se até chegar a se identificar com os “menores” (vv. 40.45), dentre os quais é mencionado em terceiro lugar sempre o estrangeiro. É uma colocação significativa, logo depois daqueles que passam pelas necessidades mais elementares da sobrevivência, a fome e a sede.

O discurso do juízo universal revela ainda fatos do caminho terreno de Cristo: não somente teve fome (Mt 21, 18; cf. 12, 1) ou lhe sucedeu algo pior do que o cárcere na sua paixão, mas também experimentou a hospitalidade negada (Lc 9,51-56).

“Era estrangeiro e me acolhestes” (Mt 25,35). O testemunho do evangelho nos coloca em posição privilegiada em relação àqueles ouvintes de Jesus. Não podemos alegar ignorância, pois sabemos quais são os critérios de avaliação da nossa vida. Estes também dizem respeito às nossas reações diante do estrangeiro.

Interpelações do texto

– Jesus interpela-nos em nossa capacidade de acolher o migrante, o que se traduz em gestos de hospitalidade. Eloquentes discursos ou nobres intenções são vazios e estéreis se desacompanhados de boa vontade e de sensibilidade para com o próximo (Mt 7,21-24).

– A verdadeira acolhida é permitir que o outro encontre espaço na minha vida. Por falar uma língua que não é a minha, por ter outros costumes e até outra religião, o migrante coloca em crise algumas certezas, e posso me blindar... Escutá-lo é fundamental, pois desta maneira não ofereço coisas, mas lhe faço o dom de mim mesmo (Lc 10,38-42).

– O cristão alcança o nível mais alto da acolhida ao perceber que na pessoa do outro encontra o próprio Cristo (Mt 10,40-42). Nossas relações interpessoais se revelam ocasiões para viver uma relação vertical, com o próprio Deus (Hb 13,2).

2. ELOGIO DO MIGRANTE

Texto: Lc 17,11-19

O mundo do texto

Jesus realizou vários exorcismos e ações simbólicas, mas o que mais impressionou seus contemporâneos foram os milagres. E, dentre tantos favorecidos, vários são estrangeiros, como a mulher siro-fenícia (Mc 7, Mt 15) ou o centurião de Cafarnaum (Mt 8, Lc 7). Um deles, porém, como lemos em nosso texto, reage de maneira singular: era um leproso samaritano.

Na linguagem bíblica, a doença chamada “lepra” indicava uma enfermidade genérica de pele, com frequência contagiante e repugnante, e figurava também como castigo divino (Nm 12,10-15). Por esse motivo, o leproso era considerado impuro e, segundo a legislação, ao aproximar-se de alguém deveria clamar: “Impuro, impuro!” (Lv 13,45).

Todavia, foi bem outro grito que os dez leprosos lançaram a Jesus: “Mestre, tem compaixão de nós!” Marginalizados da sociedade e considerados separados até mesmo de Deus, uniram-se no pedido de ajuda. Aquela doença podia causar-lhes perda do sentido do tato, mas tiveram uma sensibilidade ainda maior: perceberam a presença de Jesus e seu poder.

Ao começar a executar o pedido de Jesus, ficaram logo curados sem necessidade de abluções ou outros ritos. Subitamente um deles voltou

para agradecer e ficamos então sabendo que se tratava de um samaritano, conforme observa Jesus, um “estrangeiro”.

Embora os samaritanos fossem emparentados dos judeus, do ponto de vista religioso eram considerados hereges e tratados como pagãos. É admirável que o nosso personagem tenha reagido com atitudes típicas do “justo judeu”: louvor, prostração e ação de graças. Revela, portanto, ter uma fé superior. Tanto assim que Jesus atribui a salvação à fé do samaritano.

Interpelações do texto

- Jesus tratou os leprosos sem distinção alguma. Facilmente somos conduzidos por preferências ou interesses: afetivos, econômicos, culturais... (Tg 2,1-5). Distribuímos as oportunidades de modo desigual, ignorando que, sobretudo na dor, é sempre a mesma e única humanidade a clamar pela nossa solidariedade.

- Ao elogiar o samaritano (e há outros casos pertinentes, como o do centurião acima mencionado), Jesus ensina a comunicar o bem realizado pelo outro. Diante de tantas iniciativas – inclusive políticas e midiáticas – que fomentam preconceitos e marginalizam os migrantes, o cristão é chamado a expor o que há de positivo na migração.

- Curado, purificado e salvo, o samaritano é enviado por Jesus. Há pessoas que, somente por terem cruzado fronteira, sentem que sua dignidade é rebaixada (Gal 3,28). Elas também necessitam ouvir um “Levanta-te!” que pode significar: trabalhar, comunicar-se no idioma local, estar regularizado, gozar da presença da família...

3. REVOLUCIONANDO O PROJETO MISSIONÁRIO

Texto: At 10,1-11,18

O mundo do texto

Ao longo do livro dos Atos dos Apóstolos, destaca-se um episódio que narra uma etapa decisiva na história da Igreja: a entrada dos não-judeus no povo da salvação. Guiado pelo Espírito Santo, o apóstolo Pedro batiza um pagão. É o programa de Jesus (At 1,8) que vai se realizando na história.

Esta narração ocupa um espaço considerável no livro dos Atos, sinal de sua importância para a Igreja primitiva e de seu valor paradigmático para nós.

Pedro é apresentado ao início de sua atividade missionária fora de Jerusalém, ainda próximo do litoral da Judeia. Nesta região vivia um centurião romano chamado Cornélio que, mesmo sendo pagão, é retrato como desafio diante de Deus.

É nesse contexto que o Senhor se manifesta a fim de orientá-los ao encontro. Cornélio não hesita em acolher o sinal de Deus, enquanto que

Pedro fica perplexo ao ser convidado a comer animais considerados impuros pelos judeus. Através da superação de um tabu alimentar, abre-se o horizonte de uma comunhão plena.

“Bem sabeis que é ilícito ao judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro” (10,28), declarou Pedro. Sua presença junto a Cornélio antecede uma visita ainda mais determinante: o Espírito Santo, protagonista da narração, desce para selar a superação da barreira entre judeus e pagãos. E vem não somente sobre Pedro ou Cornélio, mas “sobre todos os ouvintes da Palavra”. Os pagãos então recebem o batismo, sinal de incorporação na comunidade.

Interpelações do texto

– Lucas relatou não tanto a atitude de um indivíduo (Pedro), mas a abertura da própria Igreja ao estrangeiro. Faz-nos pensar que possam existir estruturas paroquiais e estratégias pastorais que não consideram os migrantes, fazendo-os sentir-se estrangeiros na própria Igreja (Ef 2,19).

– Pedro teve de converter-se para entrar na casa de um pagão. Há migrantes que vivem na solidão e se encontram desanimados, desorientados ou até desesperados. Talvez nem saibam da nossa existência, mas quanto bem poderíamos fazer-lhe se saíssemos de nossa comodidade (Jo 10,16).

– Este episódio terá desfecho com o Concílio de Jerusalém (At 15) quando a Igreja oficialmente se abrirá aos não-judeus. Será um caminho permeado de tensões e resistências, mas percorrido em diálogo e iluminado pelo Espírito. Divisões em nossos grupos ferem nosso testemunho e prejudicam a acolhida; enquanto persistirem não podemos nos resignar (1Cor 1,10).

4. A CONDIÇÃO NOSSA DE CADA DIA

Texto: Primeira Carta de Pedro (1Pd)

O mundo do texto

A vinda de Cristo aboliu os muros que separam os homens entre si, agora qualquer pessoa é chamada a edificar a Igreja (Ef 2,11-22). Contudo, esta é uma realidade ainda em construção visto que a cidadania completa dos cristãos está nos céus (Fil 3,20). A Primeira Carta de Pedro é o livro da Bíblia que mais enfatiza a nossa condição de instabilidade neste mundo.

O autor conhece a situação dos fiéis da Ásia Menor, oprimidos e até perseguidos pelos pagãos. Aparece com força no escrito o tema do sofrimento dos batizados que, ao invés de tristeza, deveria ser-lhes causa de alegria, uma ocasião para participar dos sofrimentos de Cristo (4,13-14).

De fato, aqueles cristãos, além de ser um grupo com poucos recursos e minoritário entre os pagãos, como adeptos da nova religião viviam em tensão com o mundo circundante. É por isso que Pedro descreve a condição de seus leitores com a expressão “estrangeiros e forasteiros” (2,11).

O primeiro termo – em grego, o idioma do Novo Testamento – é pároikos, do qual deriva a palavra “paróquia”. Significava “vizinho” e mais tarde passou a indicar o “residente estrangeiro”, alguém que, mesmo não sendo cidadão, gozava de certa proteção legal. O segundo termo (parepídemos) descreve a pessoa que não possui residência estável, não pertence ao povo e, portanto, não tem condição legal reconhecida. Estas palavras, mais do que ter uma conotação política ou jurídica, evocam a descrição dos patriarcas no Antigo Testamento, lembram que Israel é um povo de emigrados.

Nós cristãos buscamos uma pátria futura. Nossa condição de “migrantes” consiste em reconhecer que, no momento presente, devemos suportar uma crise, uma “estranheidade” no mundo, enquanto destinados a participar da glória de Cristo. É-nos dada não uma terra prometida, e sim uma herança nos céus. Podemos até ser marginalizados perante o mundo, mas diante de Deus somos eleitos (1,2-4).

Interpelações do texto

- A palavra “paróquia” contempla o significado de “vizinhança” e tem relação com o conceito de “estrangeiro, hóspede” (pároikos). É uma realidade transitória, somos Igreja peregrina e devemos superar as tentações de acúmulo e de estagnação, sempre em busca de novos horizontes. Nossos primeiros irmãos na fé, antes mesmo de serem chamados “cristãos” (At 11,26), eram reconhecidos como aqueles “do Caminho” (At 9,2; Jo 14,6).

- O termo “migrante” adquire conotação existencial em 1Pd e é útil para descrever a experiência cristã. A consciência de que não somos deste mundo é uma via privilegiada de solidariedade para com o migrante (Jo 15,19).

- “Migrante” distingue o discípulo de Cristo, que é herdeiro de uma esperança, conforme ensina Pedro. Devemos testemunhar nossa esperança aos migrantes, ajudá-los a interpretar a própria história à luz desta experiência de fé (Lc 24,13-35).

VI. QUESTÕES PARA REFLEXÃO EM GRUPO OU PESSOAL

- De que maneira o migrante faz parte da minha vida como pessoa, e não apenas como favorecido?
- Ajudamos a superar os prejuízos que revestem os migrantes, comunicando o que há de bom nesta realidade?
- O gesto de Pedro em favor de Cornélio evoca a aspiração do Papa Francisco de uma “Igreja em saída”. Como realizamos esta missão em contexto migratório?
- O trabalho em equipe é um sinal visível de nossa capacidade de acolhida, de praticar o que pregamos. Como grupo de leigos scalabrinianos, que testemunho damos de unidade e de diálogo?

VII. Bibliografia para aprofundamento pessoal

Anthony, Francis-Vincent (2012). “Desenraizamento e Acolhida: Fundamentos para uma pastoral migratória”. *REMHU*, 38, 195-212.

Bianchi, Enzo (2012). *Ero straniero e mi avete ospitato*. Milano: Bur Rizzoli.

Bovati, Pietro (2002). “Lo straniero nella Bibbia. I. La ‘diversità’ di Israele”. *La Rivista del Clero Italiano*, 83, 405-418.

Bovati, Pietro (2002). “Lo straniero nella Bibbia. II. La legislazione”. *La Rivista del Clero Italiano*, 83, 484-503.

Busto Saiz, José Ramón (2017). “Los inmigrantes en el A. T.” *Estudios Eclesiásticos*, 92, 361, 249-259.

Campese, Gioacchino (2012). “Não és mais estrangeira nem hóspede: A teologia das migrações no século XXI.” *Ciberteologia-Revista de Teologia & Cultura*. 8, 3, 763-94.

Cardellini, Innocenzo (ed.) (1996). “Lo ‘straniero’ nella Bibbia. Aspetti storici, istituzionali e teologici. XXXIII Settimana Biblica Nazionale”. *Ricerche Storico Bibliche* (1-2).

Carroll, M. Daniel (2014). *Christians at the border: Immigration, the Church, and the Bible*. Grand Rapids MI: Brazos Press.

Chaves Dias, Elizangela (2017). “Bíblia e pastoral da mobilidade humana”. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 25, 51, 165-180.

Cocco, Francesco (2016). *The Torah as a Place of Refuge*. Tübingen: Mohr Siebeck.

Di Sante, Carmine – Giuntoli, Federico (2011). *Lo Straniero e La Bibbia: Verso Una Fratertità Universale*. Cinisello Balsamo: San Paolo.

Di Sante, Carmine (2016). “Per una teologia biblica dell’ospitalità: Tornare alle radici per vivere il presente e progettare il futuro”. *StEc*, 3, 4, 555-577.

Fumagalli, Anna (2010). “Gesù straniero”, In: GRAZIANO BATTISTELLA (ed.), *Migrazioni. Dizionario socio-pastorale*. Cinisello Balsamo, San Paolo, 510-517.

Grenzer, Matthias (2006). “Três visitantes (Gn 18,1-15)”. *Revista de Cultura Teológica*, 14, 57, 61-73.

Grilli, Massimo - Joseph MALEPARAMPIL (edd.) (2013). *Il diverso e lo straniero nella Bibbia ebraico-cristiana*. Bologna: EDB.

Hamilton, Mark W. (2019). *Jesus, King of Strangers: what the Bible really says about immigration*. Michigan: Grand Rapids.

- Luz, Ulrich (1993). *El Evangelio según Mateos*. Salamanca: Sígueme.
- Riaud, Jean (éd.) (2007). *L'étranger dans la Bible et ses lectures*. Paris: Cerf (Lectio Divina 213).
- Rossé, Gérard (1992). *Atti degli Apostoli. Commento esegetico e teologico*. Roma: Città Nuova.
- Sembrano, Lucio (2018). *Accogli lo Straniero: storie esemplari dell'Antico Testamento*. Roma: Città Nuova.
- SOC. BÍBLICA DO BRASIL (2015). *História de migrantes da Bíblia*. São Paulo: SBB.
- Tamez, Elsa (2018). "Migración e Interculturalidad: perspectiva bíblico teológico". *Identidade*. São Leopoldo, 23, 2, 10-16.
- Wénin, André (2014). "Narrar a glória de Deus: A narrativa em Êxodo 13,17-14,31". *Revista de cultura teológica*, 83, 67-94.
- Wénin, André (1995). "Israël, étranger et migrant. Réflexions à propos de l'immigré dans la Bible". *Mélanges de Science Religieuse*, 52, 281-299.
- Westbrook, Raymond (2008). "Personal Exile in the Ancient Near East." *Journal Of The American Oriental Society*, 128, 2, 317-23.

